

EDITORIAL

Este número de *Estudos Bíblicos* vem em um momento extremamente oportuno!

A intenção do grupo de biblistas mineiro, como o denominamos carinhosamente, é provocar a reflexão, o debate, a pesquisa séria e profunda por parte de todos que tomam a Palavra de Deus a sério. O mundo todo parece ter sido tomado de assalto por uma onda neoconservadora, fundamentalista, nacionalista e xenófoba. Algo que, até poucos anos atrás, pareceria improvável e fruto de uma imaginação muito fértil!

O fundamentalismo bíblico, muitas vezes, é a base de apoio para fundamentalismos políticos e científicos. A atitude fundamentalista tem a pretensão de ler o texto bíblico *literalmente*, convencido de que não está interpretando o texto, na ilusão de que esteja recebendo diretamente luz do texto que lhe fala. Para o fundamentalista, ele pratica a verdadeira exegese (interpretação), pois *não é arbitrário*, uma vez que ele toma “objetivamente” o texto que está diante dele. Em segundo lugar, para ele o texto é sempre *acessível*, todos podem compreendê-lo e não somente os especialistas. O texto é *utilizável*, pois é um indicador moral inequívoco. E, finalmente, o texto é *pessoal*, não há necessidade da intervenção e da mediação de alguma autoridade da Igreja (cf. PINTO, Sebastiano. *In nome di Dio. Dai fondamenti al fondamentalismo*. Padova: EMP, 2018, p. 7).

O fundamentalista, no fundo, é um simplificador! Ele pensa poder condensar toda a verdade sobre uma realidade em fórmulas simples, fáceis, óbvias e sintéticas. É a tentativa de fazer com que todos vejam o mundo segundo a minha curta visão. Umberto Eco (1932-2016), escritor e filósofo italiano, já nos advertia que “Fundamentalistas dão um toque de arrogante intolerância e rígida indiferença para com aqueles que não compartilham suas visões de mundo”. Isso traz implicações concretas, graves e duradouras para as comunidades e pessoas atingidas por essa onda fundamentalista. Por isso, *Estudos Bíblicos* propõe, com este número, fornecer aos seus leitores os elementos necessários para resistir a essa “onda”, bem como saber bem interpretar as Sagradas Escrituras. Para isso, partiremos de textos bíblicos que, muitas vezes, foram usados e abusados pela leitura fundamentalista, desviando-os de seu autêntico sentido.

Eis aquilo que você encontrará nestas páginas que seguem.

Abrimos, este número, clarificando o sentido da expressão “fundamentalismo”. O nosso colega José Luiz Gonzaga do Prado auxilia-nos a perceber que o “Fundamentalismo não é (...) apenas a interpretação literal de uma expressão verbal, é uma atitude que, a partir da literalidade, justifica todo e qualquer absolutismo e radicalismo”. Entre as raízes do fundamentalismo podemos encontrar seja a insegurança e, em decorrência, a busca pelas certezas inquestionáveis; e, em segundo lugar, uma vontade de autoafirmação que impregna pessoas assim.

Em seguida, o artigo de Jaldemir Vitorio é de cunho didático e pedagógico, pois se ocupa em recordar ao leitor aquilo que se deve levar em conta ao se abrir e ler a Bíblia, ou seja, um “decálogo” para a leitura bíblica: 1) a questão da historicidade; 2) a particularidade das línguas bíblicas; 3) as características da narrativa bíblica; 4) o tripé interpretativo que compreende o contexto, o pré-texto e o texto; 5) a necessidade de compreender a Bíblia como fruto de um continuado processo de hermenêutica histórica; 6) a Escritura Hebraica e a Escritura Cristã entendidas como dois momentos de um longo percurso de fé; 7) o que se deve entender por “Palavra de Deus”; 8) os vários métodos de leitura bíblica, um instrumental necessário; 9) a leitura da Bíblia realizada com uma preocupação ecumênica; 10) considerar a Bíblia um livro aberto.

Airton José da Silva oferece-nos um precioso instrumental para a correta interpretação de textos bíblicos sobre a criação e o dilúvio, presentes no livro de Gênesis. Textos esses que se encontram entre os mais comuns utilizados pelas abordagens fundamentalistas. Airton analisará, mais de perto, três dessas histórias: o Enûma Elish, a Epopeia de Gilgámesh e a Epopeia de Atrahasis. Algumas dessas histórias são chamadas hoje de cosmogonias. A importância desse estudo reside no fato de ajudar-nos a perceber a importância do contexto literário, histórico, cultural e social na interpretação de textos bíblicos. A Bíblia não é um livro isolado e redigido fora de circunstâncias humanas.

A contribuição seguinte, de Jacir de Freitas Faria, aplica os dados contextuais do poema babilônico da criação Enûma Elish para revelar que a Bíblia produz, a partir dele, um contramito em Gn 1,1–2,4a. A partir daquilo que vivenciaram na Babilônia, durante o período exílico, os exilados criaram o contramito da criação para demonstrar a face do Deus que cria gratuitamente e quer que os seus filhos vivam em harmonia entre si e com a natureza. Interessante observar que a Bíblia produz essas reinterpretções e readaptações com muita frequência.

Permanecendo, ainda, em Gênesis, o colega Johan Konings trabalha um texto que já se prestou a várias interpretações errôneas e fundamentalistas: Gn 3,1-24. Diante da generalizada identificação do “pecado do paraíso” (e do pecado em geral) com o intercuro sexual (inclusive legítimo), convém uma leitura atenta de Gn 2–3 no seu contexto canônico, isto é, em continuidade com a criação de homem e mulher como imagem e semelhança de Deus. O grande erro foi querer ser “imagem” de Deus de um modo distorcido, ao contrário do proposto em Gn 1,27.

Outro texto bastante explorado pelo fundamentalismo é aquele do dilúvio universal. Nossa colega Rita Maria Gomes, neste artigo, tem por objetivo refletir a violência a partir do relato do dilúvio (Gn 6,5–9,17), uma vez que o texto bíblico justifica o cataclismo em razão da violência crescente no seio da criação. Por ter um caráter exegetico-hermenêutico a reflexão começa por situar o texto bíblico em seu contexto e considerar a história do próprio texto. Num segundo momento, analisa-se narrativamente o texto canônico buscando um eixo principal, apesar de seu caráter compósito para em seguida considerar a mensagem e sua atualidade.

Passando ao Novo Testamento ou Segundo Testamento, temos artigos mais centrados no livro do Apocalipse. Sem dúvida, uma das obras bíblicas mais utilizadas em sentido fundamentalista. Três enfoques se apresentam a este livro.

O primeiro nos é trazido por Solange Maria do Carmo e Francisco Cornélio Freire Rodrigues, que analisam o capítulo 12 do Apocalipse, destacando que a trama apocalíptica aponta não para o futurológico fim do mundo, mas para o fim do mal, na ótica do Cordeiro que, mesmo imolado, continua de pé. O c. 12 é um ato em três cenas: 1) v. 1-6: a mulher frágil, na iminência do parto, enfrenta o dragão, que não mira a mulher senão o filho, que é arrebatado. A mulher não é arrebatada: a comunidade cristã continua sua luta. 2) v. 7-12: o anjo Miguel é o próprio Deus combatendo pelos seus, os que dão testemunho da fé. A batalha empreendida no Céu é símbolo da batalha empreendida na Terra pelos cristãos. 3) v. 13-18: segundo enfrentamento. A continuidade da perseguição atualiza a perenidade das hostilidades sofridas por quem não se curva às atrocidades do poder dominante. A lição: esperança em meio à tribulação.

A segunda abordagem tem em mira o capítulo 13 do Apocalipse, no qual o uso de imagens de feras pode confundir e desviar o leitor mais desatento ou fundamentalista. Como destacará o nosso colega Gilmar Ferreira da Silva, o objetivo é observar, através da trama arquitetada entre as “Feras” e o “Dragão”, como o jogo das “imagens” e “símbolos” pode se prestar ao aniquilamento da diversidade das culturas, valores e ideias humanas. Sendo uma obra literária, o livro lança mão do poder das imagens para expressar a imagem do poder que oprime e desumaniza.

Finalmente, o terceiro enfoque ao livro do Apocalipse não se detém em um texto específico do livro, mas analisa uma temática de conjunto: Deus como um juiz. Marcus Mareano reconhece que o tema de Deus como juiz intriga aos crentes de diferentes confissões pelo terror que pode causar no ser humano. No entanto, a temática está no centro da mensagem das religiões antigas e modernas, exigindo daqueles que professam alguma fé a compreensão dessa realidade e uma melhor maneira de comunicá-la. Diferentes termos que se relacionam com o julgamento divino e passagens bíblicas que expressam que “Deus julga” serão analisados nesse artigo.

Como bem individuou o documento *A interpretação da Bíblia na Igreja* (Pontifícia Comissão Bíblica. São Paulo: Loyola, 1994, p. 19), o problema do fundamentalismo não é seu conservadorismo ou tradicionalismo, mas sua recusa de diálogo e interpretação. É preciso termos presente, como adverte-nos Johan Konings, que a mensagem bíblica “não é uma carta num envelope, nem uma mensagem em código secreto a ser decodificada. É um evento de sentido que cria novo sentido na história, gera tradição e vivência... Sua percepção se dá no seio de uma tradição que a mantenha viva” (Fundamentalismo bíblico-teológico-religioso. In: CASTRO MILLEN, Maria Inês de; ZACHARIAS, Ronaldo [orgs.]. *Fundamentalismo: desafios à ética teológica*. Aparecida (SP): Santuário; São Paulo: Sociedade Brasileira de Teologia Moral, 2017, p. 192). Nosso propósito com este número de *Estudos Bíblicos* foi, justamente, manter o diálogo aberto e aceso.

Boa leitura e debate!

Telmo José Amaral de Figueiredo